

CAQUISTOCRACIA PLUTOCRÁTICA: CRÍTICA, MISOLOGIA E O FIM DA SEXTA REPÚBLICA

Ruy de Carvalho¹

RESUMO: Este texto parte do diagnóstico de que vivemos, no Brasil e em parte importante do mundo, sob um regime que poderíamos denominar de caquistocracia. Esta, enquanto governo dos piores, ancora-se em uma pequena casta de ricos e muito ricos, uma plutocracia que dela se utiliza porque dela faz parte, para implementar, gerir e satisfazer seus interesses. Defendo que, como suporte de sua homofobia, misoginia, racismo, ecofobia e demofobia, etc, jaz uma forma devastadora de misologia, motor, em parte, de seu autoritarismo. A questão que então se coloca para a filosofia é como discutir os contornos e expressões dessa forma moderna de misologia como aversão ao conhecimento, à crítica, ao argumento pretensamente razoável. Pretendo apontar para a suspeita de que o modelo mesmo de crítica que herdamos de Nietzsche, Marx e Freud parece patinar, fazer pouco efeito a partir do final do século passado. Para isso retraço, de forma sumaríssima, algumas das significações e papéis ocupados pelas noções de crítica, logofilia e misologia na filosofia.

PALAVRAS-CHAVE: caquistocracia, plutocracia, crítica, logofilia, misologia

ABSTRACT: This text starts from the diagnosis that we live, in Brazil and in an important part of the world, under a regime that we could call kakistocracy. This, as the government of the worst, is anchored in a small caste of the rich and very rich, a plutocracy that uses it because it is part of it, to implement, manage and satisfy its interests. We argue that, as a support for his homophobia,

¹ Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Estadual do Ceará –UECE. Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo -PUC-SP. E-mail: ruy.carvalho@uece.br; ruydec@outlook.com.

misogyny, racism, ecophobia and demophobia, etc., there lies a devastating form of misology, which is part of its authoritarianism. The question that then arises for philosophy is how to discuss the contours and expressions of this modern form of misology as an aversion to knowledge, to criticism, to the supposedly reasonable argument. It intends to point to the suspicion that the very model of criticism that we inherited from Nietzsche, Marx and Freud seems to be skating, having little effect from the end of the last century. For that, it summarizes, in a very summarized way, some of the meanings and roles occupied by the notions of criticism, logophilia and misology in philosophy.

KEYWORD: kakistocracy, plutocracy, criticism, logophilia, misology

[O presente ensaio é a retomada de um texto anterior sobre as noções de crítica, logofilia e misologia apresentado no *II Colóquio Nietzsche*, organizado pelo Geni/UECE, em novembro de 2019, posteriormente publicado pela *Revista Lampejo*. O texto a seguir incorporou relevantes e preciosas críticas e sugestões feitas por pesquisadores(as) de diversos matizes, a quem agradeço publicamente: Olímpio Pimenta, Henrique Azevedo, Gustavo Costa, Átila Brandão, Thiago Mota, Marta Machado, Luvercy Rodrigues, Nathalia Mota, Leonel Olímpio. Assumo, claro, toda a responsabilidade pelo que segue.]

I - ...o fim do começo, o começo do fim....!?

Em 2016, o parlamento brasileiro, legitimado pelo supremo tribunal federal, apoiado pelas grandes corporações midiáticas, financiado pelo agronegócio, pelo necronegócio e pelo teonegócio (bancada BBB: boi, bala e bíblia), amparado por militares e milicianos provocou um silencioso porém eloquente estrondo: o fim da sexta república! Com este golpe jurídico-parlamentar, midiático-empresarial a história das repúblicas brasileiras permaneceu fiel à sua vocação golpista, antipopular e antinacionalista.

Uma história que se inicia com um golpe, em 1889 e, não à toa, divide-se em *República da Espada* e *República Oligárquica*, quando termina, mediante um novo golpe, em 1930 (segunda república), mais uma vez militar, assim como em 1937 (terceira república) e em 1964 (quinta república). A quarta república, de 1946 a 1964, inicia-se com a deposição de Vargas e a assunção à presidência da república, do ministro do supremo, José Linhares, até a posse de Dutra, outro general, que poderia ser acusado de tudo, menos de democrático. Em 1964, bem, voltamos ao refrão: golpe militar-empresarial-midiático. Repressivo, autoritário desde o início, torna-se particularmente assassino com Costa e Silva e Médici, quando toma gosto pela coisa. Militares progressistas, sindicalistas, políticos, estudantes, jornalistas e religiosos são seus alvos preferidos (*Brasil: nunca mais; O que resta da ditadura*). O golpe que iniciou a quinta república (1964) termina

em 1985 (Tancredo, "presidente" sem posse)/1988 (Constituição Cidadã) engolfado em um mar de corrupção, dívida externa astronômica, inflação traumática que ainda hoje dói. Após um movimento de conciliação (Diretas Já: 1983, 1984) amplamente apoiado por aqueles que vêm apoiando golpistas desde 1889, criamos um tal de Colégio Eleitoral, que demonstra o fracasso das diretas celebrando a permanência das indiretas, que elege Tancredo, assumindo Sarney, com o falecimento do ungido. A sexta república, portanto, começa em 1985 ou 1988, a depender dos ventos, e termina com o golpe de 2016, com o que iniciamos esta conversa.

Nada disso seria novidade se a resposta ao fim da sexta república não houvesse inaugurado em *terra brasilis* aquilo que já acontecia em boa parte do mundo dito desenvolvido: a chegada ao poder de uma caquistocracia plutocrática, misóloga e quase imune à crítica. Processo que na Europa foi chamado por alguns de *oligarquização* (Mouffe). A resposta político/institucional ao fim da sexta república, após uma horrenda "ponte para o futuro", foi a eleição de um governo dos piores (2018), ampla e profundamente apoiado pelos ricos e muito ricos, com ramificações no parlamento (duas câmaras) e no judiciário, de cima a baixo e plataformas digitais, para não falarmos de outros bandos e seitas.

Defendo que a sétima república, que se inicia em 2016, é a "novidade" que desafia o pensamento, pois pela primeira vez na história das repúblicas temos como resposta ao golpe a montagem de uma caquistocracia plutocrática, com base social correspondente a mais ou menos 30%, violenta e misóloga, sem programa e/ou projeto construtivo de governo, hegemônica militar e *culturalmente*, o que é novidade (Schwarz), com ancoragem em bandos milicianos armados e conglomerados teo-midiáticos, com agendas ultra-conservadoras e antidemocráticas, bem como na conjunção entre mercado financeiro, plataformas digitais e agronegócio, que constitui uma plutocracia antinacionalista e demofóbica.

No cenário externo, de que somos em parte reflexo e refluxo, temos como resposta aos maiores desafios já enfrentados pelo assim chamado modo de produção capitalista, igualmente o conluio de uma caquistocracia e uma plutocracia. A estas últimas cabe encaminhar soluções globais para a tempestade perfeita de crises que nos abatem: crise/catástrofe ecológica, talvez a pior de todas (Marques; Danowski; Viveiros; Löwy); crise social, crise econômica, crise sanitária, crise política (de governabilidade, segundo alguns), crise nuclear. Se, como pensam alguns, a filosofia se realiza como uma espécie de resposta às crises, aos grandes desafios e eventos que se nos mostram

com potencial catastrófico, então eu diria que, tanto interna quanto externamente deveríamos tentar elaborar um pensamento que tivesse como preocupação fundamental compreender, circunscrever isso que estou chamando com esta expressão horrorosa de caquistocracia plutocrática. Henrique Azevedo chamou minha atenção para a possibilidade de estarmos vivenciando uma crise global, quiçá permanente, do próprio republicanismo e, com a naturalização do capitalismo, uma crise, por assim dizer, de imaginação. Um dos interlocutores de Henrique aqui é o pensador Mark Fisher, precocemente falecido. Tendo a concordar com esta posição, mesmo que aqui não a discuta mais longamente. Passo a uma brevíssima palavra sobre as noções de caquistocracia e plutocracia.

Caquistocracia ou kakistocracia vem da junção de dois termos gregos, *kákistos* (pior) e *krátos* (governo); e plutocracia vem de *ploutos* (riqueza) e *krátos*. O termo caquistocracia nos leva ao século XVII, mais precisamente ao sermão de Paul Gosnold, *A sermon Preached at the Publique Fast the ninth day of Aug. 1644 at St. Maries*, em que Gosnold ora e incita seus fiéis a se oporem à tentativa de substituição de sua "velha Hierarquia", assim como de sua "bem temperada Monarquia" por uma loucura "parente da Caquistocracia". Ele está pregando contra "aqueles incendiários Santimoniais, que pegaram o fogo do céu para incendiar o seu país", contra aqueles que "fingiram que a religião levantava e mantinha uma rebelião muito perversa", contra os "Neros que rasgaram a mulher da mãe que os deu à luz, e feriram os seios que os chuparam", contra os "canibais que se alimentam da carne e estão embriagados com o barulho dos seus próprios irmãos", e por aí segue nosso pregador. No século XIX, Thomas Peacock, em 1829, retorna ao termo em seu romance *The Misfortune of Elphin*, opondo aristocracia e caquistocracia. Em 1838, nos EUA, o senador William Harper, faz analogia entre caquistocracia e anarquia, em *Memoir on Slavery*, quando afirma que "a anarquia não é tanto a ausência de governo, mas o governo do pior - não da aristocracia, mas da caquistocracia". Um pouco mais tarde, em 1877, o poeta James Lowell em uma carta a Joel Banton, pergunta: "É o nosso "governo do povo pelo povo para o povo" ou é antes uma Caquistocracia, em prol dos cavaleiros à custa dos tolos?". Seja como for, o uso do termo sempre foi muito raro, ressurgindo, seria à toa?, em 1981, na campanha do pai da guinada neoliberal nos países ditos centrais: Ronald Reagan; a mãe, sabemos, foi Margaret Thatcher, em 1980, no Reino Unido; nos países capitalistas ditos periféricos ele é introduzido por Pinochet, para a alegria de Hayek, Friedman e, posteriormente, de Guedes. Desde então, aparece como uma certa frequência, até entrar de vez no debate durante a campanha e vitória do plutocrata que inauguraria a caquistocracia americana:

Donald Trump. Lá, quem aplica o termo a Trump, em 2016, é o "acadêmico e blogueiro" Amro Ali, sendo seguido por Salon e por Dan Leger, do *The Chronicle Herald*. Em 2020, o *Le Monde Diplomatique Brasil* usa o termo e a noção de caquistocracia para caracterizar os governos de Trump e Jair Bolsonaro (*Wikipedia*, todo o parágrafo). Poderíamos ainda aplicá-lo aos governos da Hungria, Filipinas, Grã Bretanha, Turquia, Itália, Índia, boa parte da Escandinávia, etc.

Muito simplificadamente, este é o nosso desafio: como pensar, com que categorias, sob que perspectivas a ascensão dessa caquistocracia cujo projeto de governo, se é que faz sentido chamar de projeto/programa, é nada menos que o desmantelamento das bases daquilo que sustenta a vida eco-social, minimamente saudável: os ecossistemas, biomas e recursos naturais; a possibilidade de distribuição igualitária dos bens socialmente produzidos; a participação popular nas decisões de questões de interesse público; enfim, ao conjunto dos direitos das assim chamadas sociedades democráticas. A encrenca em que nos metemos talvez seja bem maior, como sugerido por Henrique, uma vez que estaria em xeque a herança mesma daquilo que um dia chamou-se Iluminismo. Tudo isso apontaria para a necessidade de uma genealogia mais rigorosa do que esta que aqui proponho. Neste sentido, Átila Brandão apontou para o fato de que a misologia, ao partir do diagnóstico de um ódio ao logos, encobriria toda a problemática dos afetos, do desejo, etc. Também neste ponto este texto apenas reconhece o problema.

As caquistocracias são financiadas, geridas e voltadas para a defesa e satisfação dos interesses de uma plutocracia que, crescentemente, deflaciona sua preocupação com a produção e com a distribuição de bens, mercadorias e serviços, aferrando-se vorazmente ao incremento da própria renda e à acumulação voraz de patrimônio. Faz parte daquilo que a torna governo dos piores, ao lado e abaixo de sua homofobia, misoginia, transfobia, racismo, demofobia, ecofobia, etc a misologia, uma certa raiva e aversão ao logos, à argumentação, ao debate qualificado. A misologia, presente em maior ou menor grau em todos os regimes caquistocráticos do planeta dificulta, quando não mesmo inviabiliza, a crítica às suas posturas e posições, decisões e escolhas para cargos-chave de pessoas com comportamentos e atitudes diametralmente opostos e contrários às exigidas por suas funções. Assim, encontramos no atual *momento populista* (Mouffe), frequentemente ministros de meio ambiente que odeiam ecologia, da economia que odeiam democracia, da saúde que a consideram um bem particular, etc.

Como fazer a crítica, resistir, dismantelar a caquistocracia plutocrática quando faz parte do movimento que a levou ao poder a montagem de um aparato misológico, ancorado em plataformas digitais construídas por empresas que, sozinhas ou conjuntamente, detêm um patrimônio superior aquele de todo um continente? O caráter plutocrático presente hoje nos governos está umbilicalmente ligado aos oligopólios presentes no Vale do Silício. Uma crítica à economia-política das plataformas digitais deverá levar em consideração o fato de que as crises converteram-se agora em técnicas de governo, o que sempre foram, mas atualmente apresentam-se como formas de gestão: crítica como "mera" gestão da crise. Tudo isso vem de longe. Já Hayek pretendia substituir o termo grego *oikonomia* por *katallaxia*, a substituição do governo do lar pelo governo das trocas, dos mercados (Chamayou). O ponto de chegada de todo esse processo que começa no entre guerras é aquilo que Chamayou nomeou de *catalarquia*: "o governo dos governantes pelos mercados", hoje, sobretudo financeiros. Segundo ele, vivemos hoje sob a regência do "princípio de metagoverno catalártico eficiente". Se tudo isso fizer sentido, então mesmo os piores e os muito ricos que gerenciam e administram a todos estariam sob o governo dos mercados e, assim, as caquistocracias plutocráticas seriam, ao fim e ao cabo, sociedades ou governanças catalárticas, com o perdão de mais uma palavra horrorosa. Não se trata, a rigor, devo isso a Leonel Olímpio, apenas de uma questão estético-estilística, mas sim de política. Os termos caquistocracia, plutocracia, catalaxia, misologia e logofilia não são apenas medonhos, são politicamente pouco úteis, pouco mobilizadores, pouco potentes. Os uso aqui simplesmente porque os acho precisos, cirúrgicos nesse caso. Permanece, entretanto, minha concordância com Olímpio.

II -crises no mundo, o mundo como crise....

Em *Crítica e crise*, um clássico de 1959, Koselleck faz uma espécie de genealogia das noções de crítica e crise, seus encontros e desencontros, suas tensões. Com ele aprendemos que, ao contrário do termo crítica, crise é muito pouco empregado no século da "primazia da crítica", o XVIII iluminista. Irmãs, filhas da mesma raiz, crítica e crise irão se separar no XVIII, mas têm uma infância e adolescência comuns, nas paisagens gregas e romanas. Originalmente, crítica e crise significam separação, mensuração, decisão, eleição, juízo e julgamento, mas também luta e combate. Não tinham, porém, apenas o sentido jurídico, comumente encontrado em Platão e Aristóteles. Na Septuaginta, tradução grega do Velho Testamento, no sec. III a.c., elas incorporam ao sentido

jurídico o aspecto teológico, de um Juízo Final, de um tribunal em que se pode obter a salvação universal.....ou não. Neste processo aparece ainda o sentido clínico, médico, de aprofundamento da doença, de uma crise para a qual é preciso saber fazer a crítica correta, estabelecer o juízo/diagnóstico certo a partir do qual se espera uma inflexão do quadro no sentido da cura....ou não.

Koselleck procura mostrar como no Iluminismo estas noções se separam, mais ainda, como a partir de então se faz a crítica como forma de esconjurar a crise, pois esta é simplesmente um outro nome para a revolução ou, o que seria ainda pior, para o colapso, o fim dos tempos. Seja como for, o Iluminismo nos legou, por assim dizer, uma concepção positiva da noção de crítica, pois mesmo que pessimista em muitos momentos, será por meio da crítica que poderemos esperar encontrar respostas para as crises, soluções que, no pior dos casos, retardem as guerras civis, as revoltas e revoluções. Koselleck, claro, é bem mais sutil e rigoroso do que aqui o apresento, mas a mim o que importa é que a noção de crítica, bem como a separação que o XVIII opera em reação à crise, parece não mais poder nos ajudar no momento em que a misologia estabelece a base e o *framework* das comunicações contemporâneas do poder, em que a misologia funcionará como uma das armas de guerra do arsenal dos governos caquistocráticos atuais, que operam mediante plataformas digitais de alcance global. Como a filosofia pode enfrentar esse desafio, como ela se apresenta neste campo de batalha, com que arsenal, com que aliados, quais e quem são seus comparsas?

A forma de filosofia que tornou-se hegemônica já nasce como expressão de um impulso logofílico. Revela desde o berço sua inclinação para o conhecimento ordenado, argumentado, discursivo, por assim dizer, lógico-racional. Aparentemente, como uma das formas da logofilia, ela estaria mesmo nos antípodas da misologia. Deixo de lado aqui, claro, as filosofias que perderam a batalha, sobretudo: cinismos e ceticismos.

Nos últimos seis, oito anos um número considerável de trabalhos, oriundos de diferentes disciplinas, com distintos interesses, objetivos e compromissos têm problematizado aquele "impulso epistemofílico" (Sandler) que, de Parmênides a Freud, percorreu a história do pensamento filosófico no Ocidente. A distinção entre razão e desrazão, subjacente à significação mais persistente da noção de crítica, servirá de base para a postulação de um laço umbilical entre modernidade (civilização européia) e terror (revolução, guerra civil, colonização africana, americana, asiática), bem como para a concepção da política como trabalho da morte, em que a

colônia será o nicho privilegiado para o exercício deste necropoder; e a paz assumirá o esgar de uma guerra perpétua (Mbembe; Krenak), talvez já ali *híbrida*, guerra de Estados contra pessoas e populações, ubíqua, tecnologicamente assimétrica, guerra de colonização, dominação e extermínio de populações originárias (indígenas, negros) que viveram e conheceram nos corpos o fim dos tempos, no qual hoje todos vivemos.

No Iluminismo, a filosofia, por assim dizer dominante, encontra no cinismo uma fonte privilegiada de expressão/sintoma de sua vocação misológica. Hegel, na *Fenomenologia*, presente o perigo na forma de vida encarnada pelo sobrinho de Rameau, de Diderot. Pressentimento repleto de consequências. Kant, contudo, já nos havia advertido do problema, quando concebe a própria filosofia como uma nova e original forma de *crítica*. Filosofia como uma nova atitude (Foucault), menos doutrina do que explicitação de ilusões e antinomias, em relação às quais o racional é não esperar por sínteses apaziguadoras, por teorias concebidas como consolos metafísicos. Desde então, teoricamente, devemos aceitar viver as contradições sem esperança de encontrarmos soluções promotoras de algum tipo de trégua ou termo para conflitos de semelhante natureza. O sintoma desta nova demanda, em filosofia, pode ser encontrado na interpretação da problemática noção de coisa em si, como uma forma de ficção (Vaihinger, Arendt), um ponto de vista, uma perspectiva (Nietzsche). O passo seguinte, que não será jamais dado pelo assim chamado Idealismo Alemão, consistirá em demandar, em relação à frustração, no que tange ao conhecimento das coisas em si, não apenas tolerância, mas gozo.

Crítica, como vimos com Koselleck, significa originalmente habilidade ou capacidade de separar, de operar distinções, de estabelecer juízos, de realizar seleções e, assim, poder decidir por um caminho ou articular diversas perspectivas, coordenar pontos de vista díspares. A crítica, desde os gregos, enquanto reconhecimento de uma crise, opera um certo desvelamento, explicita o implícito, desdobra e desmascara o que estava encoberto. Neste mesmo procedimento, no XVIII ela se afastaria da crise, pois por meio dela poder-se-ia, ao mesmo tempo, pensar e retardar as verdadeiras crises: a revolução, a morte. Mais ainda, a crise passaria a ser pensada como alguma coisa que poderia ter fim, para a qual poderíamos de alguma maneira encaminhar uma saída, uma resposta. Desta forma se, por alguma razão, estivermos diante de uma crise sem fim, para a qual o fim não seja uma possibilidade, então que sentido fazem crítica e crise? Chamar de crise a algo que a crítica não poderia esconjurar ou mesmo retardar não seria uma postura, por assim dizer, reacionária, ou, mais levemente, conservadora (Paulo Arantes)?

O que Platão e os metafísicos construíram com o espólio socrático foi uma forma de discurso e, em alguns casos, de vida em que a crítica deve ser considerada o distintivo da filosofia que se pretende fiadora e guardiã da verdade, a ser encontrada após longa alquimia, mediante a qual dela separamos todas as impurezas, sensíveis ou não. Trata-se, ali, de desvelar, descobrir, explicitar o verdadeiro que jaz, quieto e inerme no turbilhão do real. Este funciona como véu, máscara, que seria preciso transpassar quando se pretende acessar o Real. Crítica, ali, pode ser compreendida como desmascaramento. A grande maioria de nós não se saberia mascarado, tampouco que o mundo em que vivemos e operamos seria, igualmente, portador de véus. Daqui, a necessidade da filosofia: realizar a crítica, desmascarando as máscaras e, assim, de certa forma "curando-nos" desse estranho tipo de cegueira, em que não nos sabemos cegos.

A crítica visará um tipo de controle e adestramento logofílicos dos impulsos misológicos; como superação da "barbárie" sofística, num primeiro momento, e das "barbáries" cínica e cética, posteriormente; crítica como meio que a filosofia/logofilia se utilizou para civilizar a errância "bárbara" das caóticas pulsões interiores, supostamente expressas nos discursos sofísticos, cínicos e céticos, que trazem perigo à norma e ao mundo, flertando com a a-nomia e o i-mundo (Mattéi). Este modelo de crítica, como vimos, começará a encontrar seus limites no Iluminismo.

Kant, reconhecendo que as dificuldades encontradas pela concepção de crítica residia menos nesta última do que naquilo que a suportava, reconfigura não apenas o modelo, mas a coisa mesma, a própria filosofia. Crítica, agora, não mais será pensada como forma de desmascaramento do verdadeiro, mas das ilusões (necessárias). Caberia agora à filosofia menos a formulação de teorias que descrevam, verdadeiramente, o Real, que pensar as condições teóricas que possam sustentar um uso autônomo da razão e, assim, promover atitudes emancipadas das tutelas institucionais : família, escola, igreja, Estado, etc. Crítica e filosofia teórica devem estar interessadas nos limites, na validade das formas de uso de nosso aparato cognitivo, pois somente semelhante objetivo garantiria a fidelidade e o compromisso com nossa finitude. Claro, para isso, Kant cobra uma taxa, altíssima para seus sucessores do Idealismo Alemão; a taxa: "tolerância à frustração" (Sandler), abandono da pretensão de dominação, de docilização das coisas em si; postura, por assim dizer, liberal- burguesa, ainda que revolucionária. Em todo caso, crítica ainda deve ser concebida como separação, distinção, depuração; não mais entre o verdadeiro e o falso, mas entre o que se pode (legitimamente pretender conhecer) e o que não se deve (acriticamente esperar encontrar), entre a atitude teoricamente responsável e as crenças e ilusões produzidas quando do mal uso de nossa razão. Com esta segunda

forma de crítica as asas logofílicas da filosofia serão gravemente podadas, dificultando a realização de seu desejo de vôos trans-ocêânicos. Deixamos de lado aqui as relações existentes entre a noção de crítica e a de beleza, arte (crítica literária, etc) ou mesmo com a de utopia (Levy).

Loic Wacquant fala em duas noções de crítica, duas formas de solventes da doxa, que deveríamos articular: a kantiana (epistemológica, crítica da verdade e do valor cognitivo) e a marxiana (social, crítica como desmascaramento dos mecanismos ocultos de dominação e exploração). Wacquant percebe o problema que estamos construindo, bem como a fraqueza do que chama de *pensamento crítico*, devido sobretudo ao fechamento e ao sufôco a ele imposto pelo microcosmo acadêmico, bem como à Grande Muralha Simbólica erguida pelo neoliberalismo.

Uma terceira ou quarta concepção de crítica, certamente não a última, poderíamos encontrar em pensadores como Nietzsche, Marx e Freud. Crítica como "jogo" entre "fundo" e "superfície": genealogia, crítica do fetichismo e análise, distintas instâncias de diagnóstico crítico do mal-estar. Parece-me evidente que os pensadores citados divergem em pontos fundamentais. O estatuto teórico, os objetivos e interesses de suas obras se distanciam enormemente, o que já foi reconhecido por uma legião de comentadores e intérpretes. Entretanto, o que nos interessa aqui é o fato de que para os três, penso, crítica tem a ver ainda com um certo tipo de desmascaramento, de remissão do manifesto ao latente, do epifenômeno às suas gêneses. São, de maneiras diferentes, três intérpretes da modernidade, da civilização, da sociedade conforme a "estruturamos". Críticos da modernidade, suspeitam profundamente da tendência epistemologizante expressa na fixação da filosofia moderna hegemônica no sujeito de conhecimento, com seu intelecto e consciência contrapostos a um conjunto de objetos, realística ou idealisticamente concebidos, pouco importa. Desconfiam, igualmente, das pretensões da filosofia, tomadas por eles como descabidas, dogmáticas ou suspeitas em mais alto grau.

Mostrar o "fundo" amoral da moral, o "fundo" socialmente mundano da divina mercadoria e o "fundo" pulsional da consciência significa colocar para si uma tarefa desmitificadora e desmistificadora. Seja como for, o modelo de crítica operante na genealogia, na crítica do fetichismo e na análise parece permanecer tributário de uma noção de crítica em que importa distinguir, "separar", "disjuntar", ou seja, um modelo que supõe e trabalha como uma noção de crise contra a qual a filosofia/pensamento pode fornecer as armas (sobretudo Marx). Não mais, novamente, distinguir o verdadeiro do falso ou o que se pode do que (não)se deve, mas a vontade de poder de

"suas manifestações", a lógica do modo de produção capitalista (do valor) de "sua superação" e o inconsciente de "suas apreensões conscientes". Gustavo Costa me chamou a atenção para a impropriedade de minhas formulações neste campo. Realmente, a maneira como apresento, exponho o problema parece sugerir ou dar margem a interpretações dualistas ou, ainda mais grave, essencialistas dos pensadores em questão. Reconheço a justeza da crítica, mas a localizo no campo estilístico. Não defendo que a vontade de poder seria ou deveria ser compreendida como algum substrato, alguma estrutura subjacente às suas exteriorizações ou objetivações, etc, o mesmo valendo para Marx e Freud, não os compreendo em chave dualista ou essencialista. Não teria, por outro lado, como apresentar aqui, detalhadamente, minha posição neste ponto.

Para os três pensadores parece haver "algo" (valor, lógica/história, pulsão) a ser "explicitado", "desvelado". Desmascaramento que exige um envolvimento, um compromisso daquele que "adere" a tal projeto; abre igualmente a possibilidade de vivência de diferentes tipos de sofrimento. Tanto a genealogia quanto a crítica do fetichismo e a análise implicam, vulgarmente, como que um: "eu não sabia, mas agora que sei, modificarei minha atitude". Elas demandam uma mudança não apenas de perspectiva, mas de comportamento, de ação, de atitude. Nisto residiria um dos efeitos positivos e potentes da crítica: ela teria o potencial de modificação das mentalidades mas, igualmente, das ações; espera-se dela um efeito pragmático capaz de, no limite, promover uma revolução no sujeito, em grupos de indivíduos ou mesmo na sociedade. Espera-se que se aja diferentemente quando da "adesão" à genealogia, à crítica da economia política ou à interpretação analítica.

O desmascaramento funcionaria mais ou menos como uma espécie de crítica da hipocrisia, das ilusões. Como se esta última fosse uma forma multifacetada e polivalente de mascaramento que, por sua vez, poder-se-ia começar a "romper" ou "rasgar" com Nietzsche, Marx e Freud sem que, com isso, se descubra ou se acesse alguma verdade última, princípio originário ou realidade metafísica. É como se a pergunta "o que fazer?" fizesse menos sentido para o genealogista, o marxista ou o freudiano, a menos que se considere a pergunta do ponto de vista tático, estratégico, metodológico, etc.

Herdeiros, cada um a seu modo, da filosofia kantiana, porém muito mais cômicos e preocupados com o potencial disruptivo da razão, eles perceberam com perspicácia quase profética o risco misológico que desde sempre rondou a filosofia compreendida como logofilia. Como críticos e filhos do Iluminismo e do Esclarecimento sabiam que a loucura, como dobra da razão (Hegel),

dorme e sonha no "dorso de um tigre" (Nietzsche). Os frankfurtianos, na estrada aberta por Kant, Nietzsche, o Idealismo Alemão e pela psicanálise, mostraram-nos, com a ajuda de duas guerras mundiais e a produção de uma Indústria de Extermínio sem precedentes, que a filosofia, somente quando se aceita o risco da emergência e atuação de fascismos e totalitarismos pode ser reduzida à sua dimensão logofílica.

O problema "começa" quando essa separação, ou aquilo que a sustenta, quer dizer, aquilo que a preocupa e interessa, deflaciona e deixa de fazer efeito. Nossa inquietação começa, quando, no Iluminismo, a máscara deixa de ser um problema e a hipocrisia uma de suas soluções possíveis (Koselleck).

III -tem dia que de noite é assim mesmo....

A logofilia e a misologia têm expressado e refletido, dentre outras coisas, dois desejos das filosofias dominantes, ou duas formas diferentes de relação das filosofias hegemônicas com o desejo. Quer como nostalgia ou esperança, gêmeas irmanadas na carência, quer como absurdo ou potência, a tarefa da filosofia, em ambos os casos, é sempre concebida como necessidade de solução de contradições, no caso mais grave; de paradoxos e aporias, no caso mais leve. Escolher um dos polos, sintetizá-los, colocá-los em movimento por meio dos mais variados dispositivos, suspendê-los - temporariamente ou não - foram algumas das mais famosas tentativas de enfrentamento daquela tarefa. Todo esse conjunto de procedimentos tem sua importância creditada não apenas às dimensões teóricas do pensamento, mas sobretudo ao fato de que a logofilia foi concebida, desde o começo, como possibilidade prática de sedimentação de laços sociais, de vínculos intersubjetivos e institucionais julgados necessários a uma excelência na organização da vida comunal dos cidadãos. A misologia não foi concebida, fundamentalmente, como ódio à razão, mas como culto à desordem, ao caos, à desmedida, ao desequilíbrio ou seja, à desproporção, à injustiça, à feiúra e à embriaguez; como ódio à política, ao comum, à humanidade; em uma palavra: como uma forma de misantropia, sua irmã mais velha, conforme Platão, ou de vaidade, segundo Kant, ou ainda como perigo ao Esclarecimento, para Hegel. Em todo o caso, os gregos não se depararam com a misologia como produção de afetos levada a cabo por uma caquistocracia ou uma plutocracia. Nosso problema, assim, parece ser bem mais complexo.

Hoje, penso, tornou-se lugar comum a implosão indiferente da própria distinção entre logofilia e misologia. O ódio à razão caiu apaixonado; o amor à razão ou envelheceu ou comemora, tranquila e flatulentamente, bodas de baobá. Como fazer a crítica? Como, sequer, concebê-la? O que ela pode? Como proceder para que ela volte a fazer efeito? Problema que se apresenta de forma incontornável até mesmo no olho do furacão, no centro do império (Chomsky, Y. Mounk, J. Stanley, S. Levitsky, D. Ziblatt, M. Kakutani).

De "eu não sabia, mas agora que sei modificarei minha atitude" começamos a sentir e viver as potencialidades e consequências do "eu sei, mas continuo me comportando como se não soubesse" (Sloterdijk). Zizek situará essas distinções e encaminhará sua posição dentro do território da crítica à ideologia, que não é bem o nosso (cinismo, hipocrisia), apesar de com aquele manter íntimas relações, uma vez que para ele o cinismo aparece como a *ideologia dominante* na contemporaneidade. Para Zizek, leitor de Lacan, atualmente a ideologia não age fundamentalmente como uma *ilusão*, mas como uma *fantasia*, assim, o cinismo contemporâneo apareceria como uma espécie de sintoma de nossas fantasias ideológicas, configurando uma atitude ingênua e perversa (Zizek). Fisher, que nesse sentido segue Zizek, lembra-nos de nossa participação, no nível do desejo, no Leviatã "moedor de carne" que é o capital. Fazemos isso quando denegamos nossa colaboração com o "monstro", transferindo para o "Outro fantasmático" nossa cumplicidade de fundo, o que gesta coletivamente o que Fisher chama de *cinismo da conformidade*, o qual atua através daquilo que ele gera em nós: *impotência reflexiva* e *hedonia depressiva*. Não tenho aqui como tematizar a dimensão fantasmática do cinismo, nem da misologia, mas reconheço a existência e a relevância do problema.

O cínico e o hipócrita *contemporâneos*, usam e abusam de máscaras mas, diferentemente deste, o cínico hoje não parece ter muito apego a elas, nem dedicar muito empenho em escondê-las, lapidá-las e/ou fazê-las reluzir. Não se coloca ou se concebe como um asceta ou um artista. Esteticamente mais pragmático e economicamente mais oportunista faz das máscaras um uso, por assim dizer, perverso. Sem zelo camaleônico em dissimulá-las ou escamoteá-las, o cínico as assume como tal, ou seja, exige que se lhe reconheça enquanto máscara(s) e, assim, que se espere delas nada mais, mas igualmente nada menos, que aquilo que elas podem lhe dar. Olímpio Pimenta chamou minha atenção para a importância de uma maior precisão e rigor no trato do cinismo. Certamente concordo com Olímpio que a questão mereceria mais atenção e cuidado, mas isso se meu interesse aqui se dirigisse para algo como uma genealogia da atual posição cínica ou mesmo

para alguma forma de fenomenologia do cinismo contemporâneo, o que não é o caso. Tomo cinismo aqui não como uma escola filosófica, mas como um dos modos de ser, uma atitude, em alguns casos hegemônico-dominante, da vida moderna. Concordo ainda com Olímpio Pimenta quanto ao diagnóstico de que o ressentimento seria hoje um inimigo poderoso a enfrentar, mas acrescentaria que o fetichismo e a perversão também o são, daí o desvio/retorno a Nietzsche, Marx e Freud.

Parece que atualmente não se trata de eliminar ou propor uma saída para o jogo interminável de véus, mas de realizar, de vivenciar os conflitos, contradições, paradoxos, aporias e antinomias que deram ensejo à própria criação das máscaras de uma outra maneira, ironicamente, isto é, tomando as contradições, paradoxos, etc, como já solucionados, no momento mesmo e enquanto e porque postos (Safatle). Fim da demanda de solução das contradições, paradoxos e aporias; uma vez postas, uma vez resolvidas. A postura cínica tem se tornado hegemônica mantendo juntos os polos contraditórios, paradoxais, etc; nele, as dimensões sintático-semânticas da linguagem remetem, mais intensa e estrategicamente, à pragmática (Safatle), onde o sentido se constrói num vai-e-vem, meio lúdico meio sério, entre o enunciado, a enunciação e uma cornucópia de expressões corporais em que um caleidoscópio de possibilidades de interpretações é aberto, bem como exigido que se mantenham, equipolentemente, as pretensões de significação, avaliação e validade. Aqui, numa determinada situação, piscar um olho de uma certa maneira, num dado ritmo, com uma pequena torção do lábio inferior esquerdo, emitindo um certo som metálico semelhante a um assobio....pode ser fundamental na formação da posição do cínico, daquele para quem tudo parece contar e, assim, nem eliminação nem multiplicação dos espelhos, mas quebra, ruptura dos espelhos, mantendo juntos os estilhaços (Foucault).

As máscaras, mais do que operar especularmente, mantêm abertas as possibilidades racionais de reconhecimento. Um espelho - ou vários - aquietam ou não aquele(a) que nele se mira, em que nele e por ele se apresenta. Isso se dá porque nele se pode se reconhecer, reconhecer-se, forma-se nele e através dele uma imagem, uma representação. Quebre-se o espelho, mas mantenha-se unidos os estilhaços. Ainda teremos imagens, mas agora nelas já não nos reconhecemos, pois as mesmas não representam nada, mas criam monstros, criam incontáveis e ilimitados monstros em que devimos outros.

Os cínicos, como espelhos quebrados, operam com imagens, mas estas já não são formadas visando um reconhecimento possível, a partir de identidades que se reforçam mediante este mesmo

reconhecimento. As imagens criadas pelo espelho quebrado do cinismo inviabilizam o reconhecimento porque o que nelas se apresenta já não representa nada, não resolve e não soluciona nada, portanto não aquieta quase ninguém. Seja como for, seria preciso um longo desvio pelas filosofias da diferença para apontar para a potência dessa criação de imagens-monstro através da diferença, que atualmente tem se perdido, bem como para mostrar, minimamente, como a impossibilidade de reconhecimento, devido à ausência de representatividade do indivíduo idêntico a si mesmo, exige uma mudança na concepção de razão como lastro da sociabilidade.

O que pretendo entretanto é apontar para uma suspeita, de resto já referida por vários autores; a suspeita de que o modelo mesmo de crítica que herdamos de Nietzsche, Marx e Freud parece patinar, fazer pouco efeito a partir do final do século passado. Seja porque o diagnóstico nietzscheano de que caminhávamos a passos largos para o niilismo; seja porque, via *Grundrisse*, quando o trabalho morto tragar o vivo e este deixar de produzir valor suficiente, "o capital" promoverá como que "sua auto-dissolução"; seja porque terminaremos transitando da neurose à perversão e ao narcisismo como instância básica de socialização (Jappe), enfim, por um ou todos estes motivos deveríamos ter boas razões para esperar que uma sensata percepção do problema nos levaria a crer ser possível desmascarar as patologias envolvidas no processo e, minimamente, agir de forma eficaz. Esbarramos, ao contrário, no cinismo e no niilismo. Estes três pensadores, penso, esperaram que suas obras contribuíssem para a formação da crítica e, com esta, pudéssemos transvalorar e transformar a nós mesmos e o nosso mundo, tanto social quanto físico. Isso, simplesmente, não parece ter sido o caso.

Quando o desmascaramento, a desmitificação e a denúncia deixam de funcionar como motor da crítica (Safatle), então genealogia, crítica do fetichismo e interpretação analítica perdem potência e deixam de fazer efeito. Quando, diante das contradições e disfunções do dito sistema já não nos empenhamos, mediante a crítica, em sua resolução ou superação, mas passamos a gozar com tais patologias, então a norma e sua infração co-incidem, restando a exigência de mais gozo na junção e identificação do que disjunge e difere (Deleuze-Guattari). Nesta situação, a crítica já não mais pode ser concebida como uma questão de distância correta (Benjamin), já não devemos esperar eficácia de nossa logofilia, como tampouco se trata de uma irrupção abrupta ou retorno violento da misologia. A própria distinção entre ambas, primeiramente posta por Platão, parece evanescer. A própria misologia transveste-se de crítica, aparece como tal, identifica-se com ela; há como que um vaso comunicante entre ambas, são permutáveis, intercambiáveis, o que nos sugere

a falência da crítica, quando talvez tenha ocorrido uma espécie de colapso, de desabamento da crítica sobre a misologia, e vice-versa. Sigo aqui a sugestão de Henrique Azevedo. A crítica, neste cenário, pode pouco, uma vez que a ironia e o cinismo transam bem com a indeterminação e a polarização, pois não põem para si a exigência de síntese, solução ou superação dos antagonismos, mas requerem que se os vivencie co-juntamente e, mais ainda, que se tome tudo isso como motivo de festa, diria mesmo, de celebração.

Esta epidemia de excesso em que vivemos exige a imolação e o sacrifício diário de milhares de pessoas, para as quais simplesmente evaporaram as próprias possibilidades de sentido/valor (Nietzsche), de trabalho formal (Marx), de sublimação (Freud). A crítica genealógica dos valores, da economia política ou libidinal parece ter encontrado seus limites lógico-pragmáticos. A situação se apresenta ainda mais grave se imaginarmos este processo não apenas como mais uma etapa ou um desdobramento histórico da relação entre logofilia e misologia, mas como fim de um mundo (Kurz, Menegat), de um mundo em que sentido e valor se constituíam de uma maneira que já não pode ser nem totalmente dada como morta nem ressuscitada verdadeiramente. Um mundo em que a relação entre capital e guerra mostrou-se finalmente como não circunstancial, mas como algo da ordem da necessidade. Hoje, podemos ver com total clareza a relação necessária e terrível entre guerra e capital, com todas as crises disso decorrentes (Alliez; Lazzarato), ecológica e nuclear inclusas. Um mundo que passa menos por crises como apresenta-se, ele mesmo, a todos como crise.

IV -a que horas termina?avia!

O que pode a crítica quando a crise passa a ser uma técnica de governo ou um tipo de gestão? O que ela pode quando a própria política se reduz a um problema de "gestão da barbárie" e, mesmo semelhante gestão esteja sob o comando dos piores, do mais ricos e dos misólogos? Talvez aí já nem faça sentido pensar em sair de uma crise da qual não podemos mesmo escapar, mas sim, em combater em uma guerra que é preciso ganhar (*comité invisível*). Neste cenário, a misologia torna-se um modo de governo, o momento crítico deixa de ser o momento da crítica, a crise do capitalismo transmuta-se no capitalismo de crise perpétua (mais crise, mais governo), nada de crise como *kairós*, mas como pós-apocalipse sustentável, suspensão indefinida, exceção/emergência permanente (Paulo Arantes); misologia como novas técnicas de governo e de gestão da barbárie e do niilismo globais.

A situação fica ainda mais interessante quando a impoluta verdade passa a ser concebida como quantidade de visualizações, as famosas *fake news* apenas como notícias mais lucrativas e a verdade deixa de ser uma relação, uma correspondência ou uma evidência e passa a ser uma curtição (teoria da verdade como curtição; verdadeiro é aquilo que tem mais curtidas). Se o algoritmo for o que sustenta a possibilidade da crítica, então a crítica ao capitalismo global contemporâneo deve passar pela crítica à economia política do Vale do Silício, bem como às estruturas mesmas do Estado Algorítmico, que veio substituir o falido Estado de Bem-Estar Social. Aqui, crítica e consumismo de informação (mais que o consumismo energético) devem andar juntas, pois a categoria moderna da subjetividade parece ter sido substituída pela categoria contemporânea da privacidade e, assim, tornado possível a coexistência de um capitalismo digital e neofeudal em que as empresas de tecnologia desempenham o papel de neo-senhores feudais (Morozov; Castells).

Que alcance teria hoje uma crítica nos moldes propostos pelos autores citados? Bem, ela continua a ser feita, sobretudo nas academias. Que efeito ela produz? Com ela se pode obter certificados, diplomas, prestígio, consolo....seja como for, nas ruas, assim me parece, ela tem chegado ou muito tarde ou pouco importa. Devemos, simplesmente, contemplá-la como uma peça fulgurante de museu? Penso que não, afinal essa não é a única forma de relação possível com os mortos.

Como pode "o povo da mercadoria", igualmente surdo a uma "crítica xamânica da economia política da natureza"(Kopenawa, Albert), enfrentar os desafios que se colocam neste fechamento de ciclo histórico em que parecemos viver? Que expectativa a crítica tradicional justificaria, quando já nos damos por satisfeitos com o simples fato de ter um emprego e chegar vivo em casa? O problema é que o número dos que vivem sem sentido, sem valor, sem trabalho e sem moradia em breve superará, se já não o tiver feito, o número daqueles que esperam permanecer empregados e com residência. As formas tradicionais de resolução e superação deste problema fracassam, sistematicamente, desde o início do *capitalismo fascista* (Chamayou) da década de 70, ou desde os anos 1990, para outros. O come-come do trabalho morto-vivo-morto, no atual "capitalismo de compadrio ou clientelista" (*crony capitalism*, Wendy Brown), joga um jogo de vida ou morte na era da informação. Há um intenso e, por que não, esperançoso debate, sobre o processo de produção e valorização do valor no capitalismo na era comunicacional (Kurz) em que, justamente, os serviços desempenham um papel central (Ricardo Antunes), sem que nenhum otimismo seja sequer razoável (Dowbor). Seja como for, a misologia parece se apresentar como saída desesperada - uma espécie

de último recurso da moda - àqueles que, bem ou mal, ainda conseguem se sustentar no e do sistema, como corajosos malabaristas sem rede de proteção (social, inclusive), nas atuais sociedades governadas por caquistocracias plutocráticas.

V -terminou!

Na primeira queda, nós, recém modernos, perguntávamos a nós mesmos por que, voluntariamente, havíamos nos tornados e permanecíamos servos. É que éramos "felizes"! Hoje, adoraríamos ser explorados mas, infelizmente, isto custaria caro ao capital financeiro e, assim, passamos da servidão voluntária à servidão privilegiada (de La Boétie a Ricardo Antunes)! Bem vindos à servidão do senhor! Mais fácil um rico chegar ao céu que um pobre conseguir um emprego, pois ainda que o consiga, correrá um enorme risco, o de ser destroçado pelo novo Minotauro, desta vez, Global (Varoufakis).

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Th. W; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- ALLIEZ, E. e LAZZARATO, M. **Wars and Capital**. South Pasadena: Semiotex(e), MIT, 2016.
- ANTUNES, R. **O privilegio da servidão**. O novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018.
- ARANTES, P. **O novo tempo do mundo**. São Paulo: Boitempo, 2014.
- ARENDT, H. **A vida do espírito**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- _____. **As origens do totalitarismo**. São Paulo: Cia de Bolso. 2018.

Brasil: Nunca Mais

- BENJAMIN, W. **Rua de mão única**. In.: Obras escolhidas II. São Paulo: E. Brasiliense, 2000.
- CASTELLS, MANUEL. **Ruptura. A crise da democracia liberal**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.
- CHAMAYOU, G. **A sociedade ingovernável. Uma genealogia do liberalismo autoritário**. São Paulo: Ubu, 2020.
- CHOMSKY, N. **Quem manda no mundo?** São Paulo: Planeta, 2017.
- DANOWSKI, D; VIVEIROS, E. **Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins**. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2015.

- DELEUZE, G. **Diferença e repetição**. São Paulo: Graal, 2006.
- _____. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O anti-Édipo**. São Paulo: Editora 34, 2011.
- DIDEROT, D. **O sobrinho de Rameau**. In.: Os pensadores. São Paulo: Abril, 1973.
- DOWBOR, L. **A era do capital improdutivo. A nova arquitetura do poder, sob dominação financeira, sequestro da democracia e destruição do planeta**. São Paulo. Outras Palavras & Autonomia Literária, 2018.
- FISHER, M. **Realismo capitalista**. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.
- FOUCAULT, M. **A coragem da verdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2017.
- _____. **Nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008
- _____. **O que é a crítica**. Espaço Michel Foucault. filoesco.unb.br/foucault
- FREUD, S. **O mal-estar na civilização**. São Paulo: Cia da Letras, 2018.
- _____. **O futuro de uma ilusão**. São Paulo. Cia das Letras, 2018.
- HEGEL, G.W.F. **Phänomenologie des Geistes**. Werke 3. Frankfurt: Suhrkamp, 1986.
- Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie I**. Werke 18. Frankfurt: Suhrkamp, 1986.
- HORKHEIMER, M. **Eclipse da razão**. São Paulo: Centauro, 2003.
- INVISÍVEL, Comitê. **Aos nossos amigos. Crise e insurreição**. São Paulo: n-1, 2016.
- JAPPE, A. **A sociedade autofágica**. Lisboa: Antígona, 2019.
- KAKUTANI, M. **A morte da verdade**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.
- KANT, I. **Kritik der reinen Vernunft I**. Werke III. Frankfurt: Suhrkamp, 1974.
- _____. **Grundlegung zur Metaphysik der Sitten**. Werke VII. Frankfurt: Suhrkamp, 1974.
- _____. **Manual dos cursos de Lógica Geral**. Campinas: Ed. Unicamp, 2006.
- KOPENAWA, D.; ALBERT, B. **A queda do céu**. São Paulo: Cia das Letras, 2016.
- KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia da Letras, 2019.
- KOSELLECK, R. **Crítica e crise**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.
- KURZ, R. **Dinheiro sem valor**. Lisboa: Antígona, 2014.
- LEVITSKY, S; ZIBLATT, D. **Como as democracias morrem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
- LEVY, NELSON. **Crítica e utopia**. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2012.
- LÖWY, M. **O que é ecossocialismo?** São Paulo: Cortez, 2019.
- MARQUES, LUIZ. **Capitalismo e colapso ambiental**. Campinas: Editora Unicamp, 2020.

- MARX, K. **Grundrisse**. São Paulo: Boitempo, 2011.
- _____. **O capital**, Livro I, vol.1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- _____. **O capital**, Livro III. São Paulo, Boitempo, 2017.
- _____. **Crítica da filosofia do direito de Hegel**. São Paulo, Boitempo, 2018.
- MATTÉI, JEAN-FRANÇOIS. **A barbárie interior. Ensaio sobre o i-mundo moderno**. São Paulo: UNESP, 2001.
- MBEMBE, A. **Necropolítica**. São Paulo: n-1, 2018.
- MENEGAT, M. **A crítica do capitalismo em tempos de catástrofe**. Rio de Janeiro: Consequência, 2019.
- MOROZOV, E. **Big tech**. A ascensão dos dados e a morte da política. Ubu: São Paulo, 2018.
- MOUFFE, C. **Por um populismo de esquerda**. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.
- MOUNK, Y. **O povo contra a democracia**. São Paulo: Cia das Letras, 2019.
- NIETZSCHE, F. **Genealogia da moral**. São Paulo: Cia das Letras, 2005.
- PLATÃO. **Fedón**. In.: Obras completas. Madrid: Aguilar, 1990.
- _____. **Defensa de Sócrates**. In.: Obras completas. Madrid: Aguilar, 1990.
- SAFATLE, V. **Cinismo e falência da crítica**. São Paulo: Boitempo, 2008.
- SANDLER, P. C. **A apreensão da realidade psíquica**. Vol.3. As origens da psicanálise na obra de Kant. Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- SCHWARZ, R. **O pai de família e outros estudos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- SLOTERDIJK, P. **Crítica de la razón cínica**. 2 tomos. Madrid: Editora Nacional, 2002.
- STANLEY, J. **Como funciona o fascismo**. Porto Alegre: LPM, 2019.
- TELES, E. e SAFATLE, V (Orgs). **O que resta da ditadura. A exceção brasileira**. São Paulo: Boitempo, 2010.
- VAIHINGER, H. **A filosofia do como se**. Chapecó: Argos, 2011.
- VAROUFAKIS, Y. **O minotauro global**. A verdadeira origem da crise financeira e o futuro da economia. Autonomia Literaria: São Paulo, 2017.
- WACQUANT, L. **As duas faces do gueto**. Boitempo: São Paulo, 2008.
- WIKIPEDIA.ORG. **Caquistocracia**, 7/10/2020, 11:41h
- ZIZEK, S. **Menos que nada. Hegel e a sombra do materialismo dialético**. São Paulo: Boitempo, 2013.
- _____. **Em defesa das causas perdidas**. São Paulo: Boitempo, 2011.

_____. **Eles não sabem o que fazem - O sublime objeto da ideologia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

_____. **Problema no paraíso: do fim da história ao fim do capitalismo.** Rio de Janeiro: Zahar, 2015.